



UMA LEITURA DE HANNAH ARENDT SOBRE TRADIÇÃO E AUTORIDADE NA EDUCAÇÃO

*Cassiana Everling**

RESUMO:

O presente artigo trabalha os conceitos de tradição e de autoridade presentes na obra de Hannah Arendt. O artigo parte da problematização de que as novas gerações se encontram jogadas à própria sorte, uma vez que os adultos se eximiram da responsabilidade de ser autoridade conferida pela compreensão da tradição. A partir desta problemática é defendida a tese de que a autoridade se dá pela tradição e, sobretudo, na medida em que olhamos para a tradição é que a não repetição de totalitarismos seja possível, enquanto compreensão e assimilação, mesmo que parcialmente, os acertos da humanidade, bem como seus fracassos e destroços.

PALAVRAS-CHAVE: Autoridade. Tradição. Educação.

Introdução

Atualmente, sentimos consequências da perda do sentido da autoridade e da tradição. Esta perda acaba se disseminando em todos os âmbitos institucionais da sociedade, atingindo, especialmente, as novas gerações. Hannah Arendt, filósofa do século XX, ajuda a perceber a profundidade, o sentido e o significado da perda da autoridade e da tradição na sociedade como um todo e na educação, em particular. Tentaremos, portanto, mostrar como esta perda se manifesta na educação.

O presente artigo se situa justamente nesta problemática, procurando responder: o que significa educar nossas crianças, sem abandoná-las a própria sorte, num mundo que sente a perda do sentido e significado da tradição e da autoridade? Após os sistemas totalitários do século XX, como pensar práticas de formação educacional democratizantes e responsáveis, inclusive novas, imprevistas

* Graduada em Normal Superior – Licenciatura para Educação Infantil pelo Instituto Cenecista de Ensino Superior de Santo Ângelo 2007 (IESA); Pós-Graduada em Especialização em Docência para o Ensino Superior (IESA) e, também, Pós-Graduada em Especialização em Supervisão Escolar e Coordenação Pedagógica (UTP).

pela tradição, considerando seriamente o mundo que aprendemos a conhecer e a amar?

1 Crianças emancipadas da autoridade e da tradição?

O século XIX produziu, sem dúvida, uma verdadeira emancipação das crianças. A infância e a adolescência passaram, finalmente, a ser reconhecidas e consideradas. Hannah Arendt entende, contudo, que “ao emancipar-se da autoridade dos adultos, a criança não foi libertada, e sim sujeita a uma autoridade muito mais terrível e verdadeiramente tirânica, que é a tirania da maioria”¹. As crianças “emancipadas”, simplesmente acabaram “jogadas” no mundo, com pouca ou nenhuma referência de autoridade e de tradição, inclusive na escola. Os adultos acabaram se eximindo da responsabilidade de educar as novas gerações, deixando-as à própria sorte.

Com toda a inocência e imaturidade que carregam consigo, as novas gerações se veem obrigadas a se entregar a uma autoridade tirânica, onde não pode haver rebelião e contrariedades como acontece no mundo dos adultos. Para Arendt, “a reação das crianças a essa pressão tende a ser ou o conformismo ou a delinquência juvenil, e frequentemente é uma mistura de ambos”². Para que a família e a escola, de modo particular, funcionem “educacionalmente é imprescindível que alguém nela se resigne a ser adulto”³. Resignar-se a ser adulto significa assumir a responsabilidade pelo mundo, em dois sentidos: enquanto autoridade e tradição. Neste sentido, a escola tem por tarefa a instrução das novas gerações de “como o mundo é, e não instruí-las na arte de viver” (ARENDR, 2014, p. 246), o que exige da escola, acima de tudo, ser autoridade, enquanto pertencimento ao mundo e enquanto interpretação da tradição.

Há sempre a tentação de crer que estamos tratando de problemas específicos confinados a fronteiras históricas e nacionais, importantes somente para os imediatamente afetados. É justamente essa crença que se tem demonstrado invariavelmente falsa em nossa época: pode-se admitir como um regra geral neste século que qualquer coisa que seja possível em um país pode, em futuro previsível, ser igualmente possível em praticamente qualquer país. (ARENDR, 2014, p. 222).

¹ ARENDR, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 230.

² ARENDR, 2014, p. 231.

³ SAVATER, Fernando. *O valor de educar*. São Paulo: Planeta, 2012, p. 62.

Interpretar a tradição é uma das funções centrais da educação escolar. Um dos resistentes do nazismo, René Char, afirma que a tradição nos é legada sem nenhum testamento⁴. Por isso, precisamos constantemente interpretar a tradição porque sem essa ação humana a tradição permanece como morta. Considerar a tradição como morta é um indício de que os eventos que já aconteceram possam novamente se efetivar. Nesse ponto, manifesta a questão de que toda a interpretação tem a tradição como elemento fundante. A possibilidade de compreender o mundo atual em sua pluralidade requer um olhar para a tradição, no sentido de perceber como o presente foi constituído e quais os rumos que estamos seguindo com as ações e relações humanas atuais.

O totalitarismo do passado não é algo que não nos pertence mais, assim como a tradição não é algo que podemos nos apropriar ou não. “Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Distinguem-se dos outros partidos e movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual”⁵. O totalitarismo enquanto acontecimento histórico tem um destaque especial em Arendt, porque ele significa um rompimento com a tradição. Repensar a tradição, apesar do totalitarismo, é uma tentativa de enfrentar a crise da razão contemporânea, sobretudo pela recuperação do fio que nos liga com toda a humanidade.

A interpretação da tradição se constitui em elemento de pertencimento ao mundo por parte das novas gerações, pois “com a perda tradição, perdemos o fio que nos guiou com segurança através dos vastos domínios do passado” (ARENDR, 2014, p. 130). E com esse pertencimento, ao se tornar adultos, as novas gerações podem dizer sua palavra em relação ao seu mundo, sua pátria, na perspectiva de uma construção que seja comum e não apenas de alguns que impõe uma única palavra na decisão do modo de organização do mundo.

Diante disso, elemento central da interpretação da tradição na educação está na constituição de um mundo comum com menor grau de violência possível e, no apreender da tradição, ser capaz de talvez empreender algo novo. Para isso, contudo, é preciso constantemente reinterpretar o modo como o mundo presente se constituiu. Essa reinterpretação, que é de responsabilidade de cada geração, é uma

⁴ Cf. ARENDR, 2014, p. 28.

⁵ ARENDR, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 373

forma de compreender o pertencimento ao mundo.

A preocupação de Arendt em relação à tradição está em pensar esse pertencimento que nos liga ao vasto patrimônio da humanidade, em que nós não somos donos desse planeta, mas somos parte de uma história que teve gerações precedentes e que deveríamos garantir possibilidades para as gerações que irão nos suceder. Assim, o pertencimento ao mundo no presente é também compreender as possibilidades que permeiam a responsabilidade pelo mundo para as novas gerações. A tradição é o elemento que nos permite ter critérios para conduzir o mundo no sentido de que ele continue existindo sob a responsabilidade de gerações vindouras.

Arendt procura manifestar as implicações da ruptura contemporânea “desse fio de continuidade, revelando que as bases espirituais e políticas da civilização ocidental se apartaram dos eventos do presente e das experiências políticas do século XX, fragmentando o passado, obscurecendo o futuro e tornando a atualidade opaca à luz da tradição”⁶. E, com isso, buscou des-constituir os sentidos produzidos na tradição na tentativa de auscultar suas questões impensadas para, então, produzir novos sentidos na perspectiva de não permanecer na ruína do mundo comum em toda a sua convivência e relações possíveis entre os humanos. Seu esforço intelectual está orientado para essa interpretação da tradição e do presente que é responsabilidade de cada geração.

2 Autoridade pela tradição

Após sua passagem e retirada do nazismo, Heidegger pouco se pronunciou sobre o holocausto. Ele não tinha muito a falar sobre. Para quem o condenou, a falta de uma palavra sua era a declaração de sua culpa e de sua arrogância em nunca pedir desculpas. Para seus intérpretes que pensam a partir de suas ideias, a falta da palavra por parte de Heidegger manifesta a insuficiência de uma linguagem para dizer algo que pudesse ser produtivo em relação ao terror de *Auschwitz*. Nesse sentido, procuramos pensar a questão da educação e do totalitarismo.

Comprendemos que a educação, em sua função democratizante, na

⁶ NETO, Rodrigo Ribeiro Alves. *Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 40

perspectiva de Arendt, é um dos elementos centrais para pensar e evitar possíveis formas de extermínios. Arendt nos leva a pensar que esta questão não se limita a uma memória de um acontecimento histórico, mas a uma reflexão que tem como horizonte a educação do mundo, que pode se tornar comum na convivência entre todos os povos em suas diferenças.

Uma das características que conduz às formas totalitárias de organização do mundo é o que Arendt descreveu pelo conceito de apátrida. Esse conceito foi utilizado pela autora de modo mais acentuado em relação aos que estavam em situação de refugiados durante o período da Segunda Guerra Mundial. No entanto, o conceito manifesta a condição de falta de pertencimento ao mundo em que estão inseridos na situação de não poder dispor de sua pátria e de seus concidadãos.

As crianças crescem em todas as latitudes como a hera na parede, ajudadas por adultos que lhes oferecem ao mesmo tempo apoio e resistência. Se não tiverem essa tutela nem sempre complacente, poderão deformar-se até a monstruosidade. E a autoridade deve se exercer sobre elas de modo contínuo, primeiro na família e depois na escola: se a um período de abandono a seus caprichos se segue uma brusca irrupção de autoridade, é fácil o resultado ser um desastre⁷.

A citação acima se conecta a ideia de autoridade na educação. Viver em uma época que não aceita nem a autoridade nem a tradição é manifestação de uma época que vive uma crise profunda na educação. Segundo Arendt, “a autoridade foi recusada pelos adultos, e isso somente pode significar uma coisa: que os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram as crianças”⁸. Arendt vai, ainda, mais além afirmando que “qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação”⁹.

O deparar-se seriamente com este sentimento de crise de autoridade dos adultos pode ser a possibilidade de repensar a noção de autoridade e de tradição, centrais para a educação na perspectiva de Arendt. Não há aqui, de modo algum, uma defesa do autoritarismo, mas de compreender que a entrada no mundo, de compreensão de como o mundo é e de um sentimento de pertencimento ao mundo por parte das novas gerações é uma responsabilidade dos adultos. Esses são

⁷ SAVATER, 2012, p. 101.

⁸ ARENDT, 2014, p. 240.

⁹ ARENDT, 2014, p. 239.

autoridade sobre o mundo no sentido de responsabilidade. São tradição no sentido de que dão continuidade a um mundo que tem uma história. Portanto,

*o problema da educação no mundo moderno está no fato de, por sua natureza, não poder esta abrir mão nem da autoridade, nem da tradição, e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição*¹⁰ (Grifos próprios).

Para Arendt, a não repetição de movimentos totalitários se dá no entrar no mundo, pelo aprender a tradição, por meio da linguagem, dos costumes, dos valores, das crenças, dos hábitos dos que já o habitam e habitaram. Aprender e compreender esses elementos que marcam nossa entrada no mundo é condição para que nos tornemos responsáveis pelo mundo quando da nossa condição de adulto e, partir daí, empreender algo novo, uma vez que “o objetivo da educação totalitária nunca foi insuflar convicções, mas destruir a capacidade de adquiri-las”¹¹.

Compreendemos que recuperar esses conceitos de tradição e de autoridade é uma das condições para que o totalitarismo não se repita. E repensá-los nos permite dizer uma palavra diante das situações que são de destruição das possibilidades e necessidades do mundo comum, central em toda perspectiva de organização do mundo que se pauta na política democrática e republicana. Outrossim, que essa recuperação permite enfrentar uma das situações de nossa época que é a *incapacidade para o pensar*, que Arendt descreveu na obra *Eichmann em Jerusalém*¹².

Pelo conceito de autoridade do educador, que se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo, preserva-se um sentimento de conservação que “faz parte da essência da atividade educacional, cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa”¹³. E pelo conceito de tradição preserva-se a exigência da reflexão sobre nossa condição humana em um mundo, ultrapassando a perspectiva imediatista de um tecnicismo em função de um produtivismo frenético desmedido e desnecessário que coloca em risco o mundo das novas gerações. Assim,

a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos

¹⁰ ARENDT, 2014, p. 245-246.

¹¹ ARENDT, 1989, p. 520.

¹² ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹³ ARENDT, 2014, p. 242.

ovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDR, 2014, p. 247).

A tese, portanto, aqui defendida é de que as formas de totalitarismo se constituem em negação do mundo comum. Negação que pode ser relacionada a um presente de um povo quanto ao futuro das novas gerações. Por isso, a necessidade e pensar a educação na argumentação de Arendt e suas possibilidades no contexto atual de crise da educação, de seus princípios, de sua função social e de seu sentido. Arendt fala de uma crise geral da razão moderna e uma crise específica na educação.

Essa mesma crise atinge num ponto central tanto para a questão da razão quanto da educação, que é uma crise do conceito de mundo comum. É essa crise que liga a relação conceitual estabelecida no título, entre educação e totalitarismo sob a orientação dos conceitos de tradição e autoridade. Assim, além de repensar o modo como esse mundo comum foi constituído historicamente, exige-se repensar a questão da responsabilidade, quem está sendo e de que modo está sendo, pelo mundo no presente. Compreendemos que é na educação que essas questões têm maior enfoque e profundidade quando levadas a sério a sua função de preparação das novas gerações para a manutenção e renovação do mundo comum.

Conclusão

Em meio a todos esses questionamentos fica sempre o desafio de procurar encontrar algumas alternativas. É necessário trilhar caminhos educacionais apesar dos destroços. É preciso “construir a vida sobre um alicerce de caos, sofrimento e morte”¹⁴. E, acima de tudo, é preciso perguntar pela responsabilidade de cada um de nós por este mundo que aprendemos a conhecer e a amar¹⁵.

Apesar de todas as dificuldades educacionais, é preciso dizer, com Anne Frank, que quando olhamos para os destroços da humanidade há sempre a expectativa “que tudo mudará para melhor, que a crueldade também terminará, que

¹⁴ FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Record, 2015, p. 400.

¹⁵ Cf. ARENDR, 2014, p. 247.

a paz e a tranquilidade voltarão”¹⁶. Arendt, neste sentido, que articula seu pensamento a partir da experiência do holocausto, cujos destroços se estendem e se encontram disseminados até nós, possibilita parar e olhar para a história e, assim, encontrar vestígios para compreender o que somos.

Não há como pensar a educação sem os processos de conhecimentos em seus pressupostos e paradigmas. O modo como conhecemos e como compreendemos esse processo manifesta o modo como compreendemos e pensamos a educação. Quando pensamos o processo de conhecimento em educação, ele não pode estar preso a posições maniqueístas, que foram enaltecidas pela guerra fria, em que há o bom e o ruim e é preciso escolher entre um ou outro, sem um processo de reflexão sobre o todo e o particular das posições cognitivas.

Referências

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *Eichmann em Jerusalém*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Trad. Alves Calado. 49. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

NETO, Rodrigo Ribeiro Alves. *Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt*. São Paulo: Loyola, 2009.

SAVATER, Fernando. *O valor de educar*. Trad. Mônica Stahel. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2012.

¹⁶ FRANK, 2015, p. 400.